

SONETOS
esquisitos
para ninar
mosquitos

Paulo Sérgio
ROSSETO

SONETOS ESQUISITOS

Sonetos esquisitos para ninar mosquitos
Sem pé nem cabeça, nem asas, ferrões
Zunindo em volta das luzes feito insetos
Morando sob imundas lápides e porões

Justamente onde adormecem insensatos
Aqueles que subjagam os semelhantes
Que se julgam mais humanos porque podem
Esse poder aparente e podre de aparatos

Sonetos que exaltam a voz do povo
Por isso seguem por veias entupidas
Limando quaisquer restos de inconsciências

Unindo-se à dor de injustiçados
Meus versos destes sonetos esquisitos
Riem fartos das tuas inconsequências

SONETOS
esquisitos
para ninar
mosquitos

PAULO SÉRGIO ROSSETO

**SONETOS
esquisitos
para ninar
mosquitos**

1ª Edição



PSRosseto

Porto Seguro, BA - 2021

Copyright © **PSRosseto**, 2021
Conteúdo, Capa, Organização e Edição

Título: **SONETOS ESQUISITOS PARA NINAR
MOSQUITOS**

Formato: Papel Pólen

Veiculação: Físico

ISBN: 978-65-00-23592-0



Dedicado a
Gerrit Jan Alberts Weelink

SONETEIRO

Não chego a dar formas a um poema. Aliás, ele se forma por si, já nasce formatado desde sua concepção. Os versos complementam-se no fluir das ideias, ganhando teor, plasticidade e objeto. Jamais pense você que sou eu um estudioso da língua, sua gramática, formas e singularidades. Fosse lidar com a linguística não sobraria tempo para a escrita.

Lembro-me certa feita, no início do ensino médio, numa sala tipicamente salesiana da Lagoa da Cruz, em Campo Grande, MS – ouvíamos **José Alves de Araujo**, em aula de Português e Literatura, discorrer sobre a importância da oratória na vocação sacerdotal. De repente me indagou por onde andava disperso meu pensamento, pois era nítida a minha desatenção. Como resposta disse abrupto: quero mesmo é ser soneteiro!

O desconcerto do mestre e o riso dos parceiros foi mais por atestarem minha incompetência por estar aventurando por uma ceara totalmente diferente do objeto principal daquele momento, uma vez que sobre a mesa o lápis traçava rabiscos de mais um soneto entre as pautas. No íntimo eu desconfiava que passaria a vida buscando os melhores ingredientes diários para produzir bons poemas.

Banalidades a parte, o que consegui criar foram estes esquisitos ensaios reunidos que mais servirão para ninar mosquitos...

Mas eu os adoro reler, e vê-los dormir!

Paulo Sérgio Rosseto, Maio - 2021

LISTA DE SONETOS

- A HORA APROPRIADA
- A MARRETA E O VERBO
- A VISÃO DO FAROL
- ALMA FEMININA
- AMAR
- APERTO
- CERTAMENTE MORREREI
- COMO FICO EU
- COSTUMES
- CÚMPLICES
- DA SUCESSÃO DOS DIAS
- DEPOIS DE EXTINTA A HUMANIDADE
- ELEGANTE
- ESCRITURAS
- EU VENERÁVEL DE MIM
- GOSTO DE VIVER
- HÁ NO MAR
- INFINDÁVEL
- INSTANTE
- MINHA BOCA
- NAS HORAS DA TARDE
- O TEMPO E O COPO
- O VENTO TE ALISA
- ÓBVIO
- ONTEM, HOJE, QUASE TODO DIA
- ORGULHOSO
- PEDREIROS POETAS
- PELA CROSTA DA TERRA
- PERDIDAMENTE

- **POÉTICOS**
- **POR DEBAIXO DA PORTA**
- **PROCURA**
- **RESILIÊNCIA**
- **SEGREDOS QUE NÃO CONTO**
- **SOBRAS**
- **SONETO**
- **SONETO DO AMOR MADURO**
- **SONETOS ESQUISITOS**
- **SUTIL**
- **TÃO POUCO SE SABE**
- **TREM DAS ALMAS**
- **TRÊS LAGOAS**
- **VENTANIAS**

*Quem nos deu asas para andar de rastos?
Quem nos deu olhos para ver os astros
- Sem nos dar braços para os alcançar?!...*

Florbela Espanca

A HORA APROPRIADA

Talvez não seja ainda a hora apropriada
Aquela inteiramente consumida entre escolhas
- Vou, não vou; peço ou não laço; amasso ou abraço
Compreenda, não busco desestímulo

Tão somente atribuo aos nossos dias
O momento exato ao necessário.
Há quem implore a calma que decide
Se por um olho não vejo, enxergo com a alma

Continuo ainda que a passos lerdos indo
Rumo ao decidido augusto segundo
- Mero item da precisa hora

Feita de longa e eterna espera,
Haja em nós solavancos pelo mundo
Desde que partimos.

A MARRETA E O VERBO

A trava retrai e desemperra a tranca
Untada de maresia, verde azul de zinabre
Tosca idade que o formoso tempo tornou o aço impuro
Nenhum pensamento tem força igual

Ferrugens acumuladas intensificam o que ninguém
Traduz. Nenhuma vontade detém tal feitiço
Como tem as horas sucessivas sobre a vida.
Somente as palavras – estas sim, desemperram a trava

Destravam, destrancam, quebram se preciso for
Todos os elos por mais ignóbeis possam estar.
As minhas emoções se arrebetam no costão de pedra

Emparedado, feito de frases compreensíveis
Apenas por aqueles que não ouvem ou desconhecem
Os caminhos entre a marreta e o verbo.

A VISÃO DO FAROL

Eu ando pela praia escolhendo histórias
Como escolhe a onda quem deseja surfar
Entre areia e espumas recolho conchas
Seleciono pérolas, poemas do mar

Da enseada de saudades cato lembranças
Separo algas das lágrimas das pedras
E do sal das frias e insensatas marolas
Revivo os relatos de heroicas esquadras

Quem anda comigo enfim não ancora
Se preciso nada, segue com afinco
O traçado espelhado do céu e do sol

Assim incitando o amanhã de mãos dadas
Renovamos o tempo, cientes que a estrada
É a mesma, o que turva é a visão do farol

ALMA FEMININA

Quando de algum modo consigo lhe ver
Minha alma acalma e canta
Porque eu todo ando encantado de você.
Aos poucos vai despojando a soberba

Sentindo perder-se a evidente vaidade
Decantar todas as razões que fazem descreer.
Eu rio como quem sorri um mar
E silencio igual ao beija-flor diante das pétalas.

Essa feminina parte segue-me apropriada
Liberta os meus medos já toscos
Dissolve as lágrimas que me chovem.

Acalmo pois diante de ti tudo se aclara
E por ser clara e calma e evidente encanta
Tanto que torna minha poesia rara.

AMAR

Adormeceria
Como entorpece o equilibrista
Os olhos de quem se encanta
Sob a atenção do artista

Entorpeceria
Como acorda o olhar
Quem compartilha diluído
A arte de ousar

Permaneceria adormecido
Despertaria entorpecido
Apaixonadamente amante

Eternamente solícito
Nem próximo ou distante
Ante o torpor de amar

APERTO

As nossas mãos já não sabem dessa procura
Desacostumaram de carregar-nos pelos parques
De passearem grudadas por calçadas e ruas
Nem mesmo andarem pela orla pedem mais

Os nossos dedos são aleatórios fantasmas
Permissivos transmissores predatórios
Não mais podemos transitar pela cidade
As mãos unidas foram sinônimos de amizade

Não sinto mais o suor das nossas palmas
Da calorosa sensação de protegidas
Da transição entre o perfeito e o rascunho

Agora cerro o pulso e toco leve seu punho
São novas formas de expressão mais consentidas
E as nossas mãos unem a seu modo as nossas almas

CERTAMENTE MORREREI

Certamente morrerei mais tantas vezes
Pois meu orgulho poderá não desaparecer
E exigirá que me repita nesse ato final
O quanto necessário precise padecer

Já morri de amores, de imediato contentamento
Saudade, alegria, felicidade plena, frio e de rir
De inveja, medo, prazeres, desconfiança e sono
Na prescrição das dores que me fazem reviver

De repente a morte continue seu laboratório
E se experimente mais em minha espiritualidade
Aprimorando seu ofício em me matar por onde for

Apenas não gostaria de viver no abandono
De quem não sentirá pesar algum estando ausente
Ao recobrir na terra aberta meu ultimo momento

COMO FICO EU

Diariamente por dois momentos
O dia torna-se loiro alaranjado:
De manhãzinha quando o sol arde
E à tarde quando resolve cair

O firmamento colore-se assim
Em santo louvor a quem o fez
E eu poeta ganho esse presente
Num doce abraço do horizonte

Mas durante o dia e pelo meio da noite
Onde o azul predomina ou o negrume
Invade por inteiro céu, como fico eu?

Ah, fico lembrando os momentos belos
Em que o sol brinca acobreado as nuvens
Como faz você com os seus cabelos

COSTUMES

O que orbita entorno ao teu coração
Reconforta esse peito descuidado
Aproxima-te da minha terra impura
Revive meu jardim já desbotado

Tomando aflições por bons costumes
Somos parte intrínseca que partilha e ama
Sentimentos diversos sob efeitos divergentes
- Se tua luz me aclara minha lua te chama

Todo o todo em nós é pragmático infinito
Universo muito aquém de simples mundos
Descabendo as retrações dos próprios polos

Há quem denomine ilógico destino
A teimosia eclodir densa ternura
Das nossas unhas roçando os mesmos poros

CÚMPLICES

Da formosura à beleza dos traços
Contornos, olhos, cabelo e nariz
Do modo de andar, sorrir, olhar a vida
Do jeito manso e altivo em pedir

Da cor da pele à tez suave e rara
Das mãos, unhas, passos firmes e nus
Dos gestos únicos de fazer carinhos
Da lucidez de em tudo olhar e sorrir

Do que lemos e aprendemos do amor
Das labutas diárias por sobrevivência
Inclusive a fé que tanto nos regenerara

Seguirão de um só momento eternos
Intenso enigma vivo que perpetuara
Entre os teus sonhos azuis e os meus

DA SUCESSÃO DOS DIAS

Diariamente o sol nos engana no ocaso
Quando aparentemente diz ir embora dormir
Finge pôr-se atrás do horizonte de cada um
Tingindo o céu de inacreditável dourado

Mas ah, não é ele quem se vai, eu quem fico
Sentado ao pé da cama contemplando
Esse paraíso nesse espetáculo particular
Inacreditável e absolutamente mágico

Seu eloquente abismo não é queda ou declínio
E sim unicamente do dia um louvável estagio
Que nos toma de lampejo, poesia e fascínio

Então se dá esse tempo de absoluta escuridão
Enquanto o planeta gira em seu eixo completo
Conduzindo-nos experientes para um novo clarão

DEPOIS DE EXTINTA A HUMANIDADE

Depois de extinta por completo a humanidade
A miséria e a riqueza reconheceram duas verdades
Que jamais houvera de ambas necessidade
Que a necessidade extirpara pobres e fartos

Agora que deixara de haver míseros e abastados
Feneceram por terem impróprios se tornados
O planeta retomara seus bríos e do caos se livrara
Como se refaz reconstrói e se renova o inabitado

De todos os insetos fora ele o mais nocivo
De todos os animais fora ele o mais perverso
De todas as tormentas fora ele a mais devassa

O mundo sim voltara a ser o centro do universo
Não mais aquele protótipo de deus chamado homem
Que sequer soube de si nem a origem da própria raça

ELEGANTE

Se triste é ver um semblante chato
É terno acolher um semblante triste
Pois a tristeza é diferente do sorriso falso
Este sim existe escancarando a face

A tristeza normalmente usa disfarce
Esconde-se atrás de qualquer rosto nulo
Que por vezes nem parece estar cansado
Com o sofrimento que em si abate

Aprende-se com as quedas a enxergar
Verdades e superar dificuldades
Rotineiras que a vida em reservas impõe

Sábio é quem se interpõe ao cotidiano
Enfrenta obstáculos e serena ciente
De que mesmo a tristeza o põe elegante

ESCRITURAS

Há de vir a qualquer tempo e de qualquer lugar
Grafado em letras garrafais ou mesmo entrelinhas
Algum pingo num i da consciência sincera e justa
Que releia todos os seres inclusive o homem

Conforte no enlace da solidariedade cada criatura
Aplaque se necessário o amargor da caminhada
Ensine justamente o contrário do que se apregoa
Sobre a contenda e a labuta didática da árdua disputa

Possa intercalar no suor do rosto o sorriso farto
As expressões da agonia à menor dor possível
Para que se cumpram as profecias pela forma amena

Pois tudo é passagem e se esvai na mesma onda
Dilui-se constantemente sem qualquer retrocesso
Ao que venha interpretar ao ler toda palavra escrita

EU VENERÁVEL DE MIM

Martela-me o severo malhete da consciência
Eu venerável de mim ouso-me em riste a palavra
E ouço de pé e a postos a sentença que mereço
Ainda que esta arremate minha própria cabeça

Dou-me aos meus atos constante vigilância
Sobre todo o agravo pela oratória transcrita
Sei de onde vim mas desconheço o destino
Por isso o presente é o que me representa

Caso descumpra as leis impõe-me a carapuça
Cega-me os olhos ora ceifa-me a garganta
Mas não permita que caia eu em desmazelo

Pior que renegar seria descrer por completo
Da magnitude indescritível de tua imagem
Por achar-me maior que a própria ordem

GOSTO DE VIVER

Quanto gosto a gente faz do viver
Notícias: o homem perde o paladar
Não se sente mais cheiro algum
Cegos seguem por corredores sem fim

Eu caminho surdo a tais pressões
Pois gosto da vida e seus sabores
Dos odores dos segundos e das cores
Ainda que haja muros e escuro esteja

Procuro nos espaços que possuo
Sentir o coração intenso amar
Tudo o que essa visão me entrega

Assim encontro precioso sentido
Em todo gesto em cada regra
E o mundo a mim jamais se nega

HÁ NO MAR

Há no mar um rumo aberto entre a onda e a lua
Há na lua um amor tão casto onde atua a fase
Onde teu uso assa onde minha asa flana
Em profana massa e o sal em aço flutua

Aí pela água revolta ou calma um vento repassa
O presente ameno o contraste ermo a ausência rasa
Na maré intensa pela alma vagamente encontrada
Há no mar uma busca eterna entre pernas e arbítrios

Há marujos enxaguados purgando desejos
Nas penas lanças e roldanas continuidade e volta
Entre uma área e outra nas complexas armadas

Em alto mar está meu amor próprio
Consolando as gotas que evaporam
E no curvilíneo horizonte se perdem mansas

INFINDÁVEL

Minha caravela singra solta em seu mar.
Velas içadas fartam-se aos doces ventos
Passeiam destemidas em suas profundezas
Sentindo livre o suave sabor de navegar.

Quando cruéis noites de inverno castigam
Necessito corrigir o rumo, tornar preciso
O equilíbrio exato entre as ondas e o cais
Ou ante as calmarias que a tudo desligam.

Sigo assim solitário em ti recitando a loucura
Entre não retroceder ou arriscar a deriva
Parecendo infindável e eterna a procura.

Marujo, a um só tempo capitão e timoneiro
Sou eu o leme, a ancora, o casco e a estiva
Dessa indelével nau da qual sou passageiro.

INSTANTE

Quando penso em ti escrevo poemas
E os leio em êxtase ao imaginar-te
Assim enevoadado pela arte
Sinto que me tomas docemente

Ainda que distante declamo-te
Descrevo-te inteira em cada verso
O verbo que da alma se reveste
Em teu atrevido púrpuro instante

Atrevo-me assim a traduzir-te
Através do universo da estrofe
O que te alegra ou comove

Atenho-me ao que me contenta
Dedicar-te cada palavra que me surge
Para que nossa poesia nos renove

MINHA BOCA

Minha boca pede beijo e saborosamente beija
Sem importar-se se o beijo sente a boca
Porque às vezes o alvo do beijo são os teus olhos
E por outras certezas a concha das orelhas

Tem momentos em que quer beijar-te as pernas
Outras vezes teus pés por sobre as meias
Às vezes contenta-se em beijar o verso das mãos
Outras necessita perder-se engolindo teus dedos

Minha boca pede beijo e beija e deixa louca
Tua nuca pescoço o dorso e as auréolas dos seios
Quando a língua chupa vigorosa teus lábios

Por entre as coxas onde alcança sorrateira
Minha boca pede beijo e rodeia e beija e passeia
Por onde sabe que você pede espera e anseia

NAS HORAS DA TARDE

Eu busco nas horas da tarde
Porque se finda tão rápido o dia
E deixa em mim tanta melancolia
Enquanto ardo o olhar no lusco-fusco

Momentos quando a alma transcende
A linha já nem clara nem escura
Turva indecisa e atrevida mistura
De indecifráveis cores no horizonte

Seria esperança saudade ou ânsias
Ausências ou mera inconstância
Desse peito de amor ardente

Ou nada seria além do decadente
Estado do sol que esmoesse cruel
Largando esse rasgo de lembranças?

O TEMPO E O COPO

Há momento de rudez assim emborcado
Um copo liquidado sobre o mármore frio
Liso corpo transparente e sem vértice e cabo
Que nós mesmos o deixamos quieto e vazio

Nem jarro nem taça nem cálice ou xícara
Apenas comum instrumento sem alça
Que as mãos o levam raso ou cheio à cara
E mata a intensa sede da língua e da boca

Depois do bebido e não mais necessário
Aguardará pela própria água ser limpo lavado
Enxuto para outra vez pelos lábios ser usado

Se descuidado cai e parte-se em pedaços
Feito o tempo sem proveito desperdiçado
E jamais alguém poderá unir-lhe os cacos

O VENTO TE ALISA

Quem traz mais ilusão ao teu cotidiano
A noite ou o dia ambos repletos de magia;
Quando o sol acende o meridiano
Ou sempre que no ocaso descansa?

Quando afirma, indaga ou das paixões duvida,
Põe teus sonhos na precisão da balança
Vê se cabem naquilo que atende
E se adaptam à tua fantasia de vida.

Lastime somente se perder o compasso
De resto é sorte que se rende ao acaso
E ininterrupta luta por harmonia.

Deixa entender de onde vem tua brisa
O ar com quem divides o que respira.
Os dias virão enquanto o vento te alisa.

ÓBVIO

Certas coisas no mundo é bem melhor não saber
Fatos que o tempo diz explicar, mas que prefere esconder
Camufla no já moído peito da gente e se descobre faz doer
Dói tanto que às vezes mata segredos do bem viver

Ninguém procura verdades pelo tosco prazer de sofrer
Assemelha-se à saudade, vem com o inconsequente querer
Desce e se apossa da mente, invade o corpo, confunde o
dever
De se evitar que se morra matando o seu próprio ser

Se um dia for necessário seu cais impedi-lo ver
O sol das respostas claras da clarividência desprender
Jamais constranja o destino, deixe o impreciso acontecer

Pois tudo se acha, se encontra ou também pode se perder
No exato propósito do óbvio repentinamente surpreender
O intenso paradoxo da vida que se renova ao nascer

ONTEM, HOJE, QUASE TODO DIA

Ontem, hoje, quase todo dia
Passeamos pela praça da saudade
Rememoramos passado e utopia
Que fomentam os sonhos fartos da poesia

Num fechar de olhos se viaja
Por estados que a mente vasculhou
E a qualquer próprio momento interaja
Com o presente que num instante já findou

E nesse rio de caudalosas e profundas águas
Seguem o curso prazeroso da memória
Sentimentos de que sempre se repetirão

Outros atos de satisfação ou duras mágoas
Pois assim nós escrevemos nossa história
Misto de penas, desejo e gratidão

ORGULHOSO

A moça quando menina
Acreditava que a pedra da marina
Todo dia emergia
E lhe vinha dizer bom dia

E depois de secar-se ao sol
Dourar seus musgos e arrefecer
Mergulhava de vez e se escondia
Até novo tempo acontecer

Essa mulher conta agora à filha que a pedra
Continua brincando de se amoiatar na maré
Em sua íntima baía

E eu pai e avô mentiroso
Para sempre rirei orgulhoso
Dessa nossa fantasia

PEDREIROS POETAS

Não, não sou poeta pelo simples ilógico querer
Tanto que por vezes incomoda-me a poesia
Poderia estar gozando de outras formas de prazer
E justamente estar lendo o que alguém outro escreveria

Mas quando isso acontece eu me despeço da leitura
E vejo-me no involuntário clamor de fazer poema
Some do meu derredor todo o concreto da existência
Entrego à minha mão o verbo que a mente ordena

Então vou construindo palavra a palavra os seus anexos
Como um oleiro funda alicerces de argamassa e argila
Depois edifica casas absorto no suor do rico ofício

Quando se vê encontram-se ambas lapidadas, concluídas
Mais uma e outra e outra obra predicadas do Arquiteto
Feitas de magia, sonhos, barro, sintaxes e raros versos

PELA CROSTA DA TERRA

Este céu ainda que amanhã tenha as mesmas cores
Carregará novas nuvens por ventos diversos
Também eu espero encontrar lumiares
Como os tantos que em mim estiveram

Céu e eu estamos além dessa nebulosidade mera
Ele faz chover nos lugares dispersos
E apazigua ou alenta as dores enraizadas no dorso
Enquanto eu lavro meu mundo insalubre

Ele revolve alumia e procria a esfera
Ambos vagamos insanos soltos pela crosta da terra
Ele transmutando em sereno minhas lágrimas tortas

Eu lambuzando em azul esse orvalho dos ares
Pragmáticos mistérios que nos abrem as portas
Somos feitos de montes, sonhos e mares

PERDIDAMENTE

Viver cantando assim a toda gente
É delicadamente tatuar no peito
Todas as maneiras de ser romântico
Dividindo o amor intensamente

Entregar à flor o brilho de um sorriso
Recostar felicidade onde houver choro
Construir sonhos de paz em plenitude
Recolocar a esperança onde preciso

Reacender e reviver cada momento
Buscar discernimento e maturidade
Mantendo-me eternamente menino

Ser instrumento e som dessa necessidade
De me enamorar por ti a cada novo vento
Perdidamente amando-te a todo instante

POÉTICOS

A minha boca
É um velho copo pedindo água
Para um lodoso pote pela metade
De um surrado corpo cheio de sede

Tua generosidade
Oferta-me em taça de cristal fino
O verde extrato das uvas raras
Jovial vinho servido em jarras

Inebriante néctar divino
Somos o contraponto
Entre o ébrio e o equilíbrio

Líquidos porem éticos
Herméticos ainda que sóbrios
Absolutamente líricos

POR DEBAIXO DA PORTA

Caso esse vento arteiro soprando lá fora
Colocar agora a língua suave e assoprar
Pela mínima fresta por debaixo da porta
E levemente ventar por entre tuas pernas

Entrega-se lânguida ao frescor do arrepio
Que essa benfazeja brisa te acaricia
E caso resfria puxe a coberta
Aconchegue-se ao florido jardim

Do seu travesseiro. Mas se o sono faltar
Dê-se ao direito do devaneio
E se porventura incendiar

E tornar-se intensamente desperta
Jogue o lençol deixa-se nua
Aos doces apelos desse vento poeta

PROCURA

Passo por tantas portas durante o dia
Entro e saio vou e venho nada me segura
De um cômodo a outro buscando o futuro
Penso que nada me surpreende

Porem insatisfeito com a estrutura
Desse indescritível labirinto
Reclamo tua ausência
A essa troça que arde o peito e angustia

Necessito-te ávida acima de todo escrúpulo
Desprendida de alicerces longe dos parâmetros
Apesar do acúmulo dissimulado

Dessa tosca aventura surreal e inumana
Andarei a eternidade sem destino
De identidade indecifrável à tua procura

RESILIÊNCIA

Tanto vaguei pela beira do cais
Que em minha veia corre água salgada
A carne tornou-se restinga e areia
E os músculos raízes no lodaçal do mangue

O coração petrificara com a mente
Os poros vertem limbo e maresia
E os olhos já nem se importam mais
Se ainda é noite ou outro dia

Da garganta surge o urro das ondas
E a língua lambe as pedras de apoite
Entretanto não me faltam silêncio e ar

Sim, o puro oxigênio que dança minha espuma
Adaptou-me a ser teu rumo e horizonte
O mar por onde teu barco navega e se apruma

SEGREDOS QUE NÃO CONTO

São segredos meus segredos
Nenhum deles te confesso
Peço somente que se advinha-los
Não me revele que sabes

Pois não saberia esconde-los
Muito menos guardar
De mim mesmo que os conheces
Mas se quiseres publica-los

Antes mesmo que mova os lábios
Ou os teus gestos conta-los
Basta recostar o rosto à janela

Todos lerão nos teus olhos
Deixarão de serem segredos
Mas eternamente serão nossos

SOBRAS

Desejo. Mas simplesmente desejar
Que gosto tem além e após o almejo?
Vejo que pouco entendo desse inesperado
Lampejo que arde a alma e entenece

O espírito, mas se atraiçoa compunge.
Ah, quisera ser indócil, mas tenho medo.
Assim, morro secreto em meus segredos
Solitário em minha redoma de vidro

Escorrendo feito areia dos dedos.
A sorte apara minhas descuidadas loucuras
Ser incauto seria um desafio permanente

Não fosse a ingênua malícia derreter
O que resta das sobras, e me podar e roer
As amarras, por certo estaria sem rumo.

SONETO

As tuas mãos desenham coisas tão bonitas
Linhas infinitas que se completam em cada ponto
Que me põem tonto admirando as habilidades
Da tua preciosa e discretamente arte

Olhando os teus rabiscos sinto sede
Sonhando teus riscados tenho medo
Velando os teus desenhos transfiguro
Medindo tuas figuras compreendo

O que nas entrelinhas me revelam
Silenciosamente como músicas
Aquebrantando os ritmos dos segredos

Acendendo a tua áurea de artista
Quando uno a ti os vértices do poema
Transcritos por teus ágeis e habilidosos dedos

SONETO DO AMOR MADURO

Esperamos algumas dobras aprendendo mansidão
Depois, nos mesmos espaços a fio tivemos por lição
As certezas do intrépido desafio em vencermos
A vastidão dos doídos encantos indomados do mundo.

Outro tempo nos fora gasto no cotidiano desbaste
Daquilo que se desvendara com o surgir das verdades
Tão distintas quanto translúcidas com o passar da idade
Tão carismáticas a ponto de tornarem-se cumplicidade.

Fomos assim perseguindo ilusões e vencendo vaidades
Conquistando a amizade, obedecendo raras vontades
Distantes da subserviência, do ócio, das tolas paixões.

Tornamo-nos generosos, íntimos, prósperos e próximos
Tão comuns como apropriados são os doces sentimentos.
Então descobri que a amara desde o primeiro momento

SONETOS ESQUISITOS

Sonetos esquisitos para ninar mosquitos
Sem pé nem cabeça, nem asas, ferrões
Zunindo em volta das luzes feito insetos
Morando sob imundas lápides e porões

Justamente onde adormecem insensatos
Aqueles que subjagam os semelhantes
Que se julgam mais humanos porque podem
Esse poder aparente e podre de aparatos

Sonetos que exaltam a voz do povo
Por isso seguem por veias entupidas
Limando quaisquer restos de inconsciências

Unindo-se à dor de injustiçados
Meus versos destes sonetos esquisitos
Riem fartos das tuas incosequências

SUTIL

Sou tão lascivo quanto pressupunha
O sentimento do sutil amor que insiste
Em tornar-me ausente por ser volúvel
E libidinoso sendo ser por si inconsistente

Nem triste enquanto sonhador inveterado
Nem apavorado pela impossibilidade
Em não saber esperar o tempo reverso
Quando de amar em vão tenha me curado

Sei que ser poeta é estar só entre escolhas
Se livre entre pensamentos sem juízo
Escravo das vontades levianas diferentes

Sou essa releitura misturada de aprendiz
Brincando sério com amores aparentes
Inconformado das escolhas como amante

TÃO POUCO SE SABE

Não fora um rio de bênçãos que desceu vale afora
Nem uma tempestade de bonanças que escorreu da
montanha
Tampouco um paredão de esperanças que rompeu pelas
grotas
Ou a erupção de um vulcão que vomitou benesses na
vargem

Não fora um fio de alegria que encantou a baixada
Nem uma gôndola de fé que explodiu sobre o prado
Tampouco um caminhão de promessas irrompeu pelo
plano
Ou um avião de vantagens que aterrissou na campina

Não fora um regozijo fraterno no contexto esperado
Nem uma novidade imprevista por qualquer aguardado
Tampouco um turbilhão de progresso para uma gente
mineira

Não fora nem tampouco poderá vir a ser o que não seja
Ou seja, não fora nem tampouco poderá vir a ser qualquer
coisa

Além do que fora, tão pouco se sabe, e tampouco se
explicara

TREM DAS ALMAS

Assisti da janela tantas almas
Desde a tenra juventude até poucos dias
Seguirem calcadas nos mesmos dormentes
Longitudinais estendidos mundo afora

Cada parada e partida ao longo das estações
Transpunham os embates das aragens
E tornavam-se inesperados passageiros
Repletos de encantadas aventuras

As torrentes de soslaio, no entanto
Descolaram as madeiras desses solos
Desunindo no entrelaço o aço dos trilhos

Desde esse dia todo amor desavisado
Que assusta, desviaja e nem desafia
Fechando as paralelas, descarrila

TRÊS LAGOAS

Era eu menino e moravam caudalosos rios à minha frente
Tão longos, intermitentes, profusos, infindos e soltos
Em cujas margens verdes de silêncio ouvíamos absortos
O passar das horas nos longos trens sobre nossos brios

Era eu crescido em meio às desertas largas ruas de areias
Que de uma calçada à outra mal se ouviam os clamores do
futuro
Incompreendíamos os porquês de tanta luz e a tatearmos no
escuro
À procura dos sonhos que regressem as nossas jovens veias

Agora longe, atrás do tempo que escoara por aqueles trilhos
Ancorei meu barco num falso porto refestelado de saudades
Onde tudo é pedra, pressa, asfalto, agito, instância sem volta

Ainda existem rios porem não mais com as mesmas águas
Permanecem as ruas mas estas ignoram toscas verdades
De que envelhecem os olhos mas as valsas ainda sonham-te

VENTANIAS

Tão fraca essa chuva desacompanhada de vento
Proveio certamente de alguma nuvem dispersa
Fugidia da madrugada de alguma noite sem graça
Estanque sobre o telhado acima da minha cabeça

Não que não mereça que meu derredor se molhe
Com essa calma própria dos bem-aventurados
Porem estou acostumado a solavancos constantes
Tanto que me estranha tamanha bonança repentina

Sou eu afeito de trovões e ventanias da montanha
Que sacolejam e soçobram insanos restolhos de asas
Absurdamente inconstantes entre abas e serpentinas

Por isso a minha casa é de pedra incólume e bruta
Plantada sobre sólidos e poderosos alicerces da lida
Mas despreparada à suave nudez de uma brisa

Contato com o Autor:

@psrosseto

paulosergio.rosseto@gmail.com

www.psrosseto.webnode.com



www.CLUBEDEAUTORES.com.br
(rosseto)



PAULO SÉRGIO ROSSETO é Poeta
Nasceu a 11/04/60, em Guaraçai - SP
Morou em Três Lagoas/MS
Reside em Porto Seguro/BA desde 1987

Membro da ALB - Academia de Letras do Brasil -
Seccional Porto Seguro/Ba
Cadeira nº 18

Membro da AVLPL - Academia Virtual de Letras da
Língua Portuguesa e Literatura
Cadeira nº 38

Patrono: Luiz Gonzaga Pinto da Gama

Livros Publicados:

O SOL DA DOR DA TERRA - 1981

MEMORINHA - POEMAS INFANTIS - 1982

ATO DE POEMA E UMA CANÇÃO - 1984

AMOROSIDADE - 1985

CRÔNICAS ABERTAS - Poemas - 2018 /

DOCES DOSES de POESIA - Aldravias - 2018

VERSOS de VIDRO e AREIA - 2019

POEMAS QUE VOCÊ FEZ PRA MIM - 2019

LÁ PELAS TANTAS DA VIDA - 2019

FAZENDA HAICAIS - 2020

ABELHINHA PEQUETELLA - 2020

POETA ENTRE COLUNAS - 2020

POEMAS QUE VOCÊ FEZ PRA MIM - Vol 2 - 2020

NAS ASAS DAS HORAS - 2020

BULBOS *d*VERSOS - 2021

SONETOS ESQUISITOS PARA NINAR
MOSQUITOS - 2021

www.psrosseto.webnode.com - BLOG do autor



Soneto é uma estrutura literária de forma fixa composta por catorze versos, dos quais dois são quartetos (conjunto de quatro versos) e dois tercetos (conjunto de três versos).

Foi provavelmente criado pelo poeta e humanista italiano Francesco Petrarca (1304-1374).

A palavra soneto (do italiano "sonetto") significa pequeno som ao referir-se à sonoridade produzida pelos versos.

Tipos de Soneto

O soneto petrarquiano ou regular é o mais experimentado. No entanto, William Shakespeare (1564-1616) criou o soneto inglês, composto de 3 quartetos (estrofes de quatro versos) e 1 dístico (estrofe de dois versos).

Há também o soneto monostrófico, o qual apresenta uma única estrofe composta pelos catorze versos. E o soneto estrambótico, aquele que conta com versos ou estrofes adicionais.

Estrutura do Soneto

Os sonetos são geralmente produções literárias de conteúdo lírico formados, nessa ordem, por dois quartetos e dois tercetos.

No interior da estrutura do soneto, faz-se necessário observar alguns conceitos básicos:

- estrofe
- verso
- métrica
- rima

Estrofe e Verso

Importante ressaltar que o verso corresponde a frase ou palavra que compõem cada linha de uma poesia. Enquanto a estrofe é o conjunto de versos de uma das seções do poema.